

As *Misiones Sociales* na Venezuela:
Revolução Bolivariana em Debate

Mariana Bruce Ganem Baptista*

RESUMO

Depois do Caracazo em 1989 e de uma tentativa de golpe de Estado em 1992, Hugo Chávez Frias foi eleito presidente da Venezuela, em 1998, iniciando-se então a chamada Revolução Bolivariana. Trata-se já de 10 anos de um processo que não pode ser explicado apenas pelas vontades de um presidente. Sendo assim, a proposta é compreender as bases sociais nas quais esse processo se sustenta, pois existe um corpo político e crítico na sociedade que também dita seus rumos. Nesse sentido, as chamadas *Misiones Sociales* cumprem um papel fundamental na formação destas bases e, por essa razão, centrar-me-ei, em grande medida, neste aspecto específico da Revolução, analisando os avanços e limites, contribuições e contradições.

PALAVRAS-CHAVE: Venezuela, Revolução Bolivariana, *Misiones Sociales*

ABSTRACT

After the *Caracazo* in 1989 and an attempted coup d'etat in 1992, Hugo Chávez Frias was elected president of Venezuela in 1998, starting up so far, the famous Bolivarian Revolution. This is already over 10 years of a process that can't be explained only by the wishes of a president. Therefore, the proposal is to understand the social foundations on which this process is sustained, because there is a political and critical corps in society establishing their directions. In that way, the *Misiones Sociales* fit a key role developping these bases, and by this reason, the focus will be on this particular aspect of the Revolution, examining their progress and limits, contributions and contradictions.

KEY WORDS: Venezuela, Bolivarian Revolution, *Misiones Sociales* (Social Missions).

Desde fins da década de 70, já era possível notar na Venezuela, os primeiros sintomas de esgotamento do modelo hegemônico. Em 1989, a onda de insatisfações culminou na rebelião que ficou conhecida como *Caracazo*. Apesar da repressão, o movimento não arrefeceu. Na década de 90, houve uma intensa atividade de movimentos sociais que

*Graduanda de História, Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, bolsista do CNPq/PBIC (Iniciação Científica).

questionavam a legitimidade do Estado e da institucionalidade liberal. Segundo Margarita Lopez Maya, a ONG Provea registrou uma média de dois protestos de rua por dia na Venezuela entre 1989 e 1999 (MAYA, 2002: 9-13).

Portanto, a tentativa de golpe de Estado, liderada por Hugo Chávez Frias, em 1992, é produto deste contexto maior de contestação do *status quo*. Embora fracassada, serviu para projetar nacionalmente a imagem do tenente-coronel, no sentido de personificar o que já se passava nas ruas.

Em 1998, Chávez foi eleito presidente. Os primeiros anos de seu governo orientaram-se mais para mudanças políticas do que econômicas. Se por um lado, convocou a Assembléia Nacional Constituinte, por outro lado, manteve um plano econômico moderado, realista e pragmático. A política social, por sua vez, também foi tímida até 2002.

Desta forma, o clima de tensão social gerado neste governo se deu muito mais em função da incorporação das demandas populares e dos próprios populares na política do que propriamente a uma mudança radical nas estruturas do país.

A partir de 2001, Chávez aprovou um pacote de 49 Leis Habilitantes com intuito de reverter as reformas neoliberais postas em prática ao longo da década de 90. Entre as mais importantes podemos citar a Lei de Terras, de Pesca e dos Hidrocarbonetos.

Como repercussão dessas medidas, explodiu em 2002, uma série de protestos, incluindo uma tentativa de golpe de Estado. Foi a partir daí, com intuito de fortalecer sua base de apoio, que o governo finalmente voltou-se para os programas sociais que tiveram sua expressão nas chamadas *Misiones Sociales*.

A gênese das *Misiones* e, mais especificamente, da *Misión Barrio Adentro*, remonta ao ano de 1999, antes mesmo do governo voltar-se para este tipo de projeto social. Este ano é o marco de chegada dos cooperantes cubanos que vieram à Venezuela em ajuda humanitária em função de um desastre natural que afetou dez Estados do país, particularmente, o Estado de Vargas. Em seguida, continuaram atuando no Estado de Vargas até 2002, expandindo as ações para as zonas rurais (D'ELIA, 2006: 16). Assim, mesmo depois da superação da catástrofe natural, os cubanos permaneceram no país, prestando atendimento e serviços médicos às populações carentes, dada a ausência do poder público em regiões mais pobres.

Com o tempo, o governo transformou a atuação episódica dos cooperantes cubanos no país em ajuda humanitária permanente. Sobretudo a partir de 2002, iniciou-se um processo de institucionalização do projeto, desenvolvendo-se novas missões para as áreas de educação, abastecimento, energia, meio ambiente, entre outros.

O *Plan Educación para Todos* apresentado pelo então *Ministerio de Educación, Cultura y Deportes* (MECD), em 2002, tinha como marcos de ação, entre outras coisas, o *Plan Nacional de Alfabetización*. Conhecido como *Misión Robinson*, o plano tinha por objetivo aumentar em 50% até o ano de 2015, o número de adultos alfabetizados, sobretudo as mulheres (D'ELIA, 2006: 78). Assim como o *Barrio Adentro*, as missões educativas contaram com o apoio do governo cubano que forneceu professores, tecnologias e o próprio método de alfabetização, o “*Yo si puedo*”.

Ainda em 2003 foram criadas também a *Misión Robinson II*, a *Misión Ribas* e a *Misión Sucre* que abrangem até o ensino universitário.

Os *Paros Nacionales* e a repercussão na produção e distribuição de alimentos serviram para impulsionar a construção da *Misión MERCAL*, em 2003. A MERCAL é uma rede que comporta o Programa de Protección Nutricional (PROAL) destinado a quem está em risco de desnutrição (previamente localizados pela *Misión Barrio Adentro*); os restaurantes populares; a venda de alimentos a preços mais baixos que os de mercado, entre outras coisas. A MERCAL, em linhas gerais, é uma ampla rede de alimentação que vai desde a produção até a venda dos produtos. Para além destas missões mais importantes, outras de caráter dos mais variados foram criadas entre 2003 e 2004.

O projeto das *Misiones* depende em grande medida da participação de voluntários das comunidades e de variadas organizações sociais, além também da aliança com as Forças Armadas que têm garantido suporte físico, logístico e humano.

É importante notar que não é apenas um programa de assistência social, mas representa um espaço onde estão sendo construídas novas formas de relações e novos valores no âmbito de uma perspectiva participativa e protagônica por parte das classes mais pobres.

Segundo Yolanda D'Elia e Luiz Francisco Cabezas, as missões *Barrio Adentro* e *MERCAL* foram as que obtiveram o maior alcance territorial e populacional de todas as demais. O governo afirma que ambas têm uma cobertura de 60 a 70% da população. Contudo, tal perspectiva é contraposta pela *Datanalisis* que indica que a primeira pode ter chegado a 30% da população e a segunda, a 53% até final de 2006.

No âmbito das missões educativas, é importante dizer que, em 28 de outubro de 2005, a Venezuela foi declarada “Território Livre do Analfabetismo” pela ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Trata-se do segundo país latino-americano que goza desta condição privilegiada, depois de Cuba.

Apesar dos índices aparentemente positivos, o que percebemos também é que, a partir de 2005, o rendimento das missões começou a cair. A expansão sucessiva e a ausência de uma regulamentação mais sólida em termos de funcionamento, fiscalização e investimento geraram sérios problemas de gestão, infraestrutura e prestação de serviços. A corrupção, atualmente, é um dos maiores desafios do governo para seguir adiante com o processo.

Quando falamos sobre a Revolução Bolivariana e o governo de Hugo Chávez, estamos falando de um governo que, desde que foi eleito, em 1998, vem sendo submetido a uma série de provas de legitimidade entre referendos e plebiscitos, que conseguiu sobreviver ao golpe civil-militar em 2002 e aos *Paro Nacionales* e que permanecerá no poder de maneira democrática até, pelo menos, 2013. Ou seja, tomando por base o ano de 1998, quando se inicia, trata-se já de 10 anos de um processo que não podem ser explicados apenas pelas vontades de um presidente. A derrota do último referendo que propunha uma Reforma Constitucional para o país não necessariamente representa uma derrota da Revolução Bolivariana como um todo. Ao contrário, demonstra que o processo não está restrito às vontades e desmandos de uma única liderança política, por importante que seja seu papel. Demonstra que existe um corpo político e crítico na sociedade que quer fazer avançar o projeto, mas não necessariamente da maneira como Chávez o propõe.

O que podemos concluir desse quadro histórico geral é que, apesar de haver muitas continuidades com relação às experiências passadas ¹, o impacto das reformas sociais e o caráter referendário do processo permitiu que outras vozes pudessem se colocar perante todas essas mudanças e, com isso, indicar caminhos inusitados para o futuro do país. O que virá depois pertence ao terreno das hipóteses, precisaremos aguardar.

Bibliografia

D'ELIA, Yolanda (coord.) *Las Misiones Sociales em Venezuela: Uma Aproximación a su Comprensión y Analisis*. Caracas: ILDIS, 2006

D'ELIA, Yolanda; CABEZAS, Luis Francisco. *Las Misiones Sociales em Venezuela*. Caracas: ILDIS, 2008.

¹ Temos em vista, em particular, a personalização do processo e a centralização do Estado, como o promotor das mudanças, para mencionar os mais relevantes.

ELLNER, Steve. *Las Estratégias desde “Arriba” y desde “Abajo” del Movimiento de Hugo Chávez*. Cuadernos del Cendes, año 63, nº 62, maio-agosto 2006

GOTT, Richard. *À Sombra do Libertador – Hugo Chávez e a Transformação da Venezuela*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MARINGONI, Gilberto. *A Venezuela que se Inventa*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

MAYA, Margarita López (coord.). *Protesta y Cultura em Venezuela: Los Marcos de la Acción Colectiva em 1999*. Buenos Aires: Clacso, 2002.